

Fala de Luiz Otavio Cavalcanti para o seminário Revolução de 1817.

Saudação aos presentes.

Esta é uma Casa de convergências. Entre pesquisa e memória, arte e ciência, educação e cultura. E de convergência entre instituições que as representam. Por isso, estamos, aqui, hoje, o Centro Josué de Castro, a Fundação Astrogildo Pereira e a Fundação Joaquim Nabuco.

Aliás, convergir é o que faz a Fundação Joaquim Nabuco patrocinar no dia 29 de março próximo reunião com o Centro Celso Furtado. Primeiro, para aproximar duas entidades que deveriam estar, há muito, relacionadas no testemunho da invenção. Segundo, para acentuar o papel de Celso como homem de planejamento. Ele foi o primeiro ministro de Planejamento do Brasil. E, não por acaso, foi o primeiro ministro da Cultura do Brasil. Sendo esta Fundação regionalmente nacional e sendo Celso nacionalmente nordestino, não há porque estarem, a Fundação e o Centro, distantes.

A reunião desta tarde sobre a revolução de 1817 tem inspiração, cor e sabor de Pernambuco. Traz o massapê da Zona da Mata, a maresia do porto e o idealismo pernambucano. Mistura terra, corpo e alma, nos fazeres que, nestes sítios, caminham sempre juntos. Pois em Pernambuco nada é feito sem emoção. Não a emoção dos desesperados. Mas a emoção dos convictos. Dos que sabem domar o emotivo em ação lapidada no rigor.

Este encontro tem o senso construtivo dos que buscam no exemplo a lição de casa. E, ao fazê-lo, procuram atualizar o sentido superiormente integrador do gesto revolucionário. Na aspiração da República. Esta era a

conquista. Apontando a noção consciente da insurgência. Tão moderna e tão pernambucana.

1817 não poderia ter sido produzida em outro lugar. Porque Pernambuco tem a perspectiva da agregação regional. E da leitura nacional. Do ponto de vista cultural e social, é possível falar de uma região Nordeste. Mas não será possível pensar uma Região Sudeste. São Paulo não é regional. Será nacional na aptidão política ?

Raymundo Faoro dizia que “existe um mistério cultural nordestino para quem vê do Sul para o Norte”. Gilberto Freyre desvendou parte desse mistério. E disse no Manifesto Regionalista: “Somos um conjunto de regiões antes de sermos uma coleção arbitrária de estados”.

Alguém afirmou que Pernambuco tomou o último trem do século XX. Com a instalação da montadora e a construção da refinaria. São símbolos da matriz industrial, substituída pela era do conhecimento. Em compensação, construímos o Porto Digital, investimos em nanotecnologia e em biotecnologia. E cultivamos os valores de patrimônio cultural incomparável.

É assim que podemos celebrar 1817: com o olhar no horizonte. Carregando o mesmo sentimento de sonho e futuro de nossos antecedentes. Sem esquecer os bumba-meu-boi, as cheganças, os pastoris e os mamulengos.

Sejam todos bem-vindos.

E obrigado.